

A Ideia da Alma no Antigo Egito – Molefi Kete Asante*



O pássaro Ba, um aspecto da concepção da Alma dos antigos Egípcios

A idéia da alma** é central na narrativa dos antigos Egípcios, especialmente no que se refere à idéia de vida eterna, um conceito familiar e constante em seus discursos.¹ Consequentemente, precisamos entender como os antigos Africanos no Egito explicaram a pessoa humana a fim de apreciar plenamente a sua ideia da alma humana. Para as pessoas contemporâneas, parece bastante complexo por causa das várias dimensões da pessoa. Os humanos não eram apenas corpo, alma e espírito, mas intrinsecamente mais complicados à luz da filosofia da

* Molefi Kete Asante é o principal defensor da Afrocentricidade; Presidente do Instituto Molefi Kete Asante para Estudos Afrocêntricos; Organizador Internacional para a Afrocentricidade Internacional; Professor e Presidente, *Africology*, Temple University; e professor visitante na UNISA em Tshwane, África do Sul e na Universidade de Zhejiang em Hangzhou, China. Asante criou o primeiro programa PhD em Estudos Africano-Americanos na Temple University. Ele é supervisor de mais de 100 dissertações e autor de 75 livros e quase 500 artigos sobre cultura e história Africanas. Seu último livro é *Facing South* (Lexington, 2014).

** Tradução por Abibiman Shaka Touré, **Povo Preto**, Pan-Africanismo e Poder Preto. Para ter acesso ao artigo original (em inglês), [clique aqui](#).

¹ 1 Veja Molefi Kete Asante, *Filósofos Egípcios Antigos*. Chicago: Imagens AA, 2009.

vida eterna. Assim, os Egípcios viam o humano como composto de vários componentes, além dos atributos físicos. Palavras como *ib*, *ren*, *ba*, *ka* e *sheuti* foram usadas para descrever as partes mais espirituais do ser humano. O *khat*, ou corpo, era simplesmente a forma física humana e, embora fosse considerado importante, era significativo apenas porque abrigava as partes mais espirituais do ser humano.

Havia dois interesses governantes para os antigos Egípcios: (1) como alguém assegura *ankh neheh*, a vida eterna? E (2) qual é a natureza do ser humano no mundo físico? Um tempo de vida físico gasto procurando determinar as respostas a essas perguntas foi o início do verdadeiro conhecimento para o Povo Egípcio. Como a vida física era simplesmente a passagem pela qual a pessoa entrava na vida eterna, era o estágio necessário para a preparação para a vida eterna. Para assegurar que alguém viveria para sempre, era necessário realizar todos os deveres apropriados que colocariam a pessoa na orientação certa para a eternidade. As pessoas se levantavam pela manhã e iam para a cama à noite com a idéia de estabelecer todos os rituais, monumentos, cerimônias e relacionamentos necessários para assegurar que viveriam para sempre. Assim, toda ética pode ser vista como uma ética que aponta para a preservação da energia da pessoa. Como alguém relacionado a filhos, amigos e confidentes, era um fator de quanto tempo viveria na eternidade. Se você quer que seu nome seja falado, seu *ka* para viver, e seu *ba* para poder retornar ao seu corpo físico, a múmia, então você terá que fazer os preparativos corretos para que isso aconteça. Não foi automático quando alguém morreu; tinha que ser definido, agindo para garantir isso.

As pessoas sempre se fizeram perguntas sobre a natureza de seu ser. Quais são os componentes do humano? O que acontece depois da morte para o corpo? Existe um aspecto do ser humano que vive depois que o *khat* está morto? Essas questões podem aparecer como preocupações sobre a morte, mas elas estão realmente preocupadas com a vida. Antigos Africanos acreditavam que era possível assegurar a vida eterna, ou a vida para sempre, protegendo as várias partes do ser humano. Naturalmente, isso dependeria tanto da pessoa em busca de vida eterna quanto daqueles que eram responsáveis por conduzir os rituais apropriados para o falecido. Na maioria dos casos, os filhos da pessoa lidavam com os assuntos necessários para proteger a alma da pessoa que estava morta. Proteger a alma da pessoa, em suas várias

manifestações, significa que todos os aspectos do falecido tinham que ser protegidos, como *ib*, *ren*, *sheuti*, *ba*, *ka* e *akh*.²

O *ib*

O *ib* era o aspecto metafísico do coração físico de uma pessoa, pensado para ser criado por uma pequena gota de sangue tirada do coração da mãe na concepção. Assim, toda criança recebeu o *ib* da mãe na concepção. *ib*, como uma palavra, foi associada com o aspecto metafísico do coração físico mas foi frequentemente utilizado na *ciKam*, a linguagem de Kemet, para se referir ao coração físico em si.³ De fato, foi significativa para o ser humano ao longo da vida e foi a chave para a narrativa da vida após a morte, uma vez que o *ib* seria pesado na morte pelo deus Anubis. Como o *ib* sobreviveu à morte, seria a “caixa preta” que poderia dar provas a favor ou contra o seu possuidor durante o processo da pesagem do processo. No momento do exame do falecido, o coração, o *ib*, que representava a sede das emoções, comportamentos e pensamentos, foi colocado na balança de Maat e ponderado contra a pena de Maat. Se um coração era mais leve que a pena, isso era bom; mas se o coração fosse mais pesado do que a pena de Maat, o monstro Ammit consumiria o coração porque significaria que o *ib* estava sobrecarregado de maus pensamentos, idéias, conceitos, comportamentos e ações erradas para se mover em direção à eternidade. Consequentemente, Eu vejo o *ib* como a porta para a eternidade. Não se pode ter acesso à vida eterna, exceto através da bondade ou leveza do *ib*, coração.

O *Ren*

Outro aspecto do ser humano era o nome de alguém. É claro que a nomeação é essencial para as sociedades humanas e os antigos Egípcios sentiram a mesma necessidade de nomear seus filhos como fazemos na sociedade contemporânea. Claro, eles acreditavam que o nome também viveria para sempre se fosse protegido e protegendo o nome, conservando e preservando o nome, e mantendo o nome do dano, alguém poderia ganhar a vida eterna. No entanto, pensava-se também que, para garantir a proteção da alma, seria necessário ter vários nomes,

² Veja Maulana Karenga, *Maat: O Ideal Moral no Egito Antigo*. Nova York: Routledge, 2003; Willie Cannon-Brown, *Nefer: O Ideal Estético no Egito Clássico*. Nova Iorque: Routledge, 2006.

³ Kemet é o nome usado pelos antigos Africanos; a palavra “Egito” é o nome Grego para Kemet.

por isso, se um inimigo quisesse destruí-lo ou puni-lo, o inimigo não seria capaz de acabar com você se ele não soubesse todos os seus nomes. Um inimigo pode arranhar seu nome em um lugar ou apagar um de seus nomes, mas contanto que você tenha outro nome em um lugar talvez mais seguro, você não será destruído. Esta é provavelmente a origem da nossa crença de que ter um bom nome é essencial para a vida de alguém. Entre os Egípcios, um “bom nome” não era apenas um nome que era bem falado, mas um que era bem falado e bem protegido. É por isso que os *peraas*, faraós em Hebraico, passaram muito tempo tentando proteger seus túmulos. Um sempre começava o templo do mortuário, antes da morte, para supervisionar a proteção do nome, do corpo e do *ba*. De fato, o *ren*, nome, foi dado quando uma criança nasceu e enquanto o nome foi falado, a pessoa poderia viver. Sabendo que isso é um fato, os antigos Africanos no Egito tentaram colocar seus nomes em todos os lugares e ter seus nomes falados por várias pessoas após a morte. Proteger o nome e falar o nome era um tema no *Livro de Respirações*, escrito para ajudar a assegurar que o nome sobreviveria. A idéia era cercar o nome com um *shenu*, um cordão mágico, para protegê-lo.⁴ No entanto, muitas pessoas tiveram seus nomes destruídos em templos e tumbas. Mas quanto maior o número de lugares em que o nome aparece, maior a probabilidade de o nome ser falado. Como o nome representa uma parte do divino, sobrevive enquanto é conhecido, falado ou recitado. É claro que ter mais de um nome também era um aspecto da ocultação da identidade total da pessoa. Era como se o morto jogasse um jogo com os vivos para ver como o nome poderia ser protegido. Ladrões de sepulturas e aqueles que não tinham interesse na vida eterna, mas em sua própria riqueza, freqüentemente aparentavam vandalizar túmulos e “roubar” os nomes e os materiais que deveriam acompanhar o falecido à vida eterna. Até mesmo os túmulos escondidos no quente, árido e proibido Vale dos Reis, no lado oeste do Nilo, foram descobertos, saqueados e deixados aos elementos por ladrões de túmulos.

O *Sheuti*

Os antigos Egípcios acreditavam que cada pessoa possuía um *sheuti*, sombra, e que este *sheuti* era sempre presente. Como não era diferente da pessoa e sempre com a pessoa, era parte do ser daquela pessoa. Um *sheuti* não pertencia a ninguém além de seu próprio dono. Usando seu

⁴ A palavra francesa comumente usada é o *cartucho*, mas a palavra ciKam é *shenu*.

próprio raciocínio, os Egípcios viram que a sombra, ou *sheuti*, era sempre preta e, por isso, pintavam os *sheuti* nas paredes dos túmulos como uma figura negra menor do que o tamanho real da pessoa. Poder-se-ia argumentar que o *sheuti* era um fenômeno tão concreto que poderia estar contido em uma pequena caixa como forma de protegê-lo dos inimigos da pessoa. Como ninguém queria que seu nome fosse destruído, você não queria que seu *sheuti* fosse danificado, mal manuseado ou destruído.

O *Ka*

Os antigos Egípcios sabiam quando uma pessoa morrera porque ele ou ela havia perdido sua essência vital. Essa perda de essência era a perda do *ka* do corpo, mas não o fim da vida, embora disséssemos que a pessoa estava morta. Neste ponto, o *ka* havia deixado o corpo. No entanto, esta ideia está intimamente relacionada com a noção ocidental de alma. Refere-se a “espírito” e está frequentemente relacionado com a ideia da segunda imagem da pessoa, o duplo da pessoa. Portanto, mesmo depois da pessoa ter morrido, o *ka* poderia permanecer ativo enquanto tivesse comida, óleos e incenso. *Ka*, como o dobro da personalidade de um homem ou mulher, poderia ser qualquer lugar. Não era necessariamente o corpo, mas o espírito, por assim dizer. Na verdade, o *ka* pode realmente separar-se ou unir-se ao corpo. Ele também pode se mover livremente de um lugar para outro e retornar ao seu corpo. Quando uma pessoa morria, os vivos tinham que se certificar de que o *ka* fosse cuidado para que a pessoa morta pudesse ter a vida eterna. Assim, ofertas de carnes e óleos, ou bolos e vinhos foram disponibilizados para o *ka*. Contanto que o *ka* estivesse contente, amado, cuidado, a pessoa que era dona do *ka* poderia ficar satisfeita. Na verdade, quando os túmulos eram construídos, muitas das oferendas eram pintadas na parede para garantir que o *ka* tivesse um suprimento constante de óleos, carnes e bolos. As salas especiais nos túmulos onde o *ka* era adorado, porque, com efeito, o *ka* era parte da divindade, tendo sido dado à humanidade quando os seres humanos foram criados. De acordo com os *Textos da Pirâmide* e os *Textos do Caixão*, quando o todo-poderoso Rá, Ptah, Amen, criara Shu e Tefnut, Geb e Nut, Ausar e Auset, Neb-het e Set, a divindade colocou seus braços ao redor deles para que seu *ka* pudesse estar neles.

O Ba

No entanto, foi o *ba* que foi referido como a alma. Tinha existência eterna após a morte. Enquanto o *ba* está intimamente associado ao *ka*, a personalidade é dupla, também está relacionada ao *ib*, o coração, um constituinte-chave do humano. O *ba* foi ilustrado como um falcão com um rosto de um ser humano, muitas vezes usando uma barba. Após a morte, acreditava-se que o *ba* visitava seu corpo no túmulo. Sepulturas foram construídas para que o *ba* pudesse encontrar o seu caminho através das passagens estreitas nos poços. Nas pirâmides de Meroe, na Núbia, aberturas eram deixadas nas pedras que cobriam o topo das pirâmides, de modo que os *ba* podiam entrar nelas. Esse mesmo padrão pode ser visto em algumas das pirâmides Egípcias. Uma borda para ficar sobre as pirâmides também foi colocada abaixo de cada abertura para que o *ba* pudesse ter um lugar para descansar e pelo qual entrar na tumba. O *ba*, isto é, a alma foi entendida como capaz de visitar lugares que o falecido ama visitar e fazer coisas que o falecido desfrutava na vida, como pescar, caçar, andar de carruagem, velejar pelo Nilo e assim por diante. O *ba* era uma força animadora, capaz de levar o falecido aos seus locais de caça favoritos e visitar as casas de pessoas especiais. Porque somos todos únicos, os antigos Egípcios acreditavam que o *ba* era um aspecto dessa singularidade que viveria enquanto pudesse encontrar o corpo do falecido. Por isso, era essencial que o corpo fosse protegido porque não havia vida, vida eterna, sem corpo. Consequentemente, essa filosofia estava na raiz da ideia de enterrar os mortos. Se não houvesse corpo, então o *ba* teria que vagar procurando um corpo. Não foi pensado como algum espírito genérico ou alguma alma desorientada, mas sim como uma força específica e focalizada relacionada ao corpo do falecido. Concebido pelos antigos filósofos como um pássaro voando do túmulo em busca do *ka*, o *ba* passou a existir após a morte. Como uma ave de cabeça humana, tal era a representação, era capaz de se mover para frente e para trás entre os lugares que o falecido desfrutava na vida e o corpo do falecido. O *ba* é talvez melhor pensado como a própria pessoa! Não há existência imaterial para o *ba*; está diretamente conectado ao material. No Ocidente, a ideia da psique foi usada para descrever o *ba*, mas o *ba* não é equivalente a alma no Ocidente por causa de sua conexão com o falecido. A este respeito, o *Ba* é apenas uma das esferas da existência pessoal. Enquanto o *ba* surge quando o corpo está morto, ele carrega consigo a ideia de Ra se unindo a cada noite com Ausar como o *ba*

retorna à múmia enquanto passa o dia envolvido em vida externa à tumba em uma aparência não corpórea. No *Livro da vinda adiante pelo Dia e o ir adiante pela Noite*, chamado pelos alemães, *Das Totenbuch*, o *ba* é visto visitando seu corpo ao qual apresenta o símbolo referido como *shen*, simbolizando a vida eterna. Finalmente, a noção de vida eterna, embora singular no sentido de que uma pessoa procuraria atingir essa condição, era realmente sobre a união de todas as almas na cidade celestial, Anu Ionnu, uma versão terrestre do Ionnu, o Grego chamou de cidade de Heliópolis. Enquanto a maioria dos Egípcios sabia que seria difícil garantir a vida eterna, eles, no entanto, colocariam um pedaço de ouro, se tivessem, no peito da múmia do falecido para ajudar a garantir a viagem adequada no *ankh neb*, o senhor da vida, chamado pelos Gregos, o sarcófago, o comedor de carne.

Agora, o objetivo dessa busca pela vida eterna era se tornar um *akh*, uma pessoa de carisma, poderes mágicos, após a morte. Por toda a África essa idéia foi traduzida na noção de ancestralidade, isto é, a reverência por Ancestrais que, por causa de suas vidas, são capazes de afetar situações, fenômenos e relações na Terra entre os vivos. Os antigos Egípcios acreditavam que a união na morte do *ba* e do *ka* ajudou a produzir *akh*. Essa idéia de *akh* tornou-se o conceito funcional da pessoa morta como um intelecto fantasmagórico que poderia se mover à vontade entre os vivos para ajudá-los em qualquer capacidade. Uma vez que a re-animação do *akh* ocorreu com a re-unificação do *ba* e do *ka*, o morto foi transformado em um *akh* vivo. Assim como os ancestrais mais tarde seriam chamados, em várias crenças Africanas, para resolver disputas, curar os doentes ou aliviar a tristeza, *akh* desempenhava um papel semelhante porque se podia usar o *akh* para trazer o bem ou punir. O falecido dependia dos vivos para fazer os rituais corretos, realizar as cerimônias certas e saber quais oferendas eram necessárias. Portanto, o objetivo do ser humano é conter o caos que vem quando alguém não está preparado para viver eternamente. Criar as condições para um futuro verdadeiramente eterno é o trabalho da vida física. Como os antigos Egípcios entendiam, uma pessoa não queria morrer uma segunda morte por não se preparar adequadamente, apesar de haver rumores de que humanos poderiam retornar um milhão de vezes.



As almas de Pe e Nekhen rebocando o bargue real em um relevo do templo de Ramessés II em Abidos.